

## Carta-denúncia

Nós Povos Indígenas do Brasil, reunidos entre os dias 11 e 14 de novembro de 2019, na Biblioteca do Museu Nacional-UFRJ, no Rio de Janeiro, no Simpósio Internacional *Viva Língua Viva*, iniciativa da Associação Brasileira de Linguística, vimos denunciar e buscar apoio internacional quantos as seguintes pautas e proposições:

Antes da colonização éramos 5 milhões, todavia agora não passamos de 900 mil pessoas, 305 Povos Indígenas, falantes de 274 línguas. Estamos vivenciando um cenário político efetivo de estímulos à barbárie e às ameaças contra os Povos Indígenas do Brasil, em especial aqueles que ainda se encontram isolados que são 114, sendo apenas 28 reconhecidos pela FUNAI, o que pode acarretar a extinção de variadas línguas indígenas.

Denunciamos o avanço do garimpo, da mineração e do agronegócio em terras indígenas, levando conflitos que culminarão em genocídio da população indígena brasileira;

Consideramos um absurdo a existência de rapto de crianças indígenas de suas famílias, em especial dos Povos Indígenas Guarani Kaiowá, do Mato Grosso do Sul, que ao serem retiradas de seus territórios e encaminhadas para abrigos, deixam de viver o seu modo de ser indígena, perdendo sua língua e a possibilidade de preservação da mesma.

Entendemos que o discurso integracionista e assimilacionista, proferido pelo chefe do governo, defendendo que os Povos Indígenas devem viver o modo de ser do branco, e que “somos todos iguais” é, de fato, uma política deliberada de silenciamento, tentativa de fusão, apagamento e extermínio das línguas indígenas.

Outra questão é o enfraquecimento e o desmonte intencional, por parte do Governo Federal, das instituições indigenistas como a Fundação Nacional do Índio e a Secretaria Especial de Saúde Indígena, e ainda das Instituições Públicas que atuam na preservação e conservação do Meio Ambiente, Patrimônio Cultural e da memória, como o Museu Nacional e o Museu do Índio. Agindo dessa forma, o Poder Público vem aniquilando a história e as narrativas oriundas do saber e da ancestralidade indígenas.

Defendemos a valorização dos anciões e das pessoas que são falantes das línguas indígenas, uma vez que os mesmos são a permanência e a única forma de ampliar e repassar esses conhecimentos para seus povos. Assim, sugerimos a concessão, pelas

Instituições de Ensino Superior, de títulos de Notório Saber para os indígenas que vem atuando de forma relevante no resgate de suas línguas.

Por fim, entendemos que sem território não há vida e nem possibilidade de preservação da língua e que o genocídio vem sempre acompanhado do glotocídio, que é a morte completa de uma língua. Acreditamos também que quando morre um rio, uma árvore também há a morte da língua. Portanto, ecoamos em nossas muitas línguas “Demarcação Já!”, “Nenhuma gota de sangue indígena a mais e nenhuma língua indígena a menos!”. mais, fortalecer as mulheres é garantir a existência de suas línguas maternas.

Como dizem os parentes Guarani, a manutenção de conhecimentos é garantir seus *teko* e *tekoha*, territórios e todos os elementos que estão em torno. O *tekoha* é fundamental para nosso *teko*, mas, não é qualquer *tekoha*. Para nós é importante ter no nosso *tekoha*, *yak xyryã porã*, ter mata com variedades de árvores, plantas medicinais e diversos bichos, lugar para fazer nossa roça: plantar milho (*avaty ete*), melancia, amendoim, comandai, banana, mandioca. Não pode faltar a *oga pysy*, referência do arandu (conhecimento) para os Guarani Kaiowá e Nhandewa - lugar onde discutimos saúde, educação, nossa vida. Aqui é o princípio da nossa forma de ser, é o lugar onde praticamos *nhandereko* - o jeito de ser e viver guarani. Isto é dar continuidades à existência guarani. É na *oga pysy* que as pessoas guarani, quando estão tristes e doentes, recuperam *wy'a*, alegria.

Vivemos em um lugar *omoexakã* por *Nhandesy ete* e *Nhanderu ete*. O *tekoa* é para nós Guarani *yvy porã* - alegria, que nos possibilita ter *teko porã rã* - boa vida, bom viver. Se nós Guarani não tivermos acesso a *yvy porã* - terra boa - peremos *arandu rã* - a sabedoria guarani. Por isso, permaneçamos fortes, falar é garantia de nossa língua materna porque ela é fundamental para acessar todos os conhecimentos.

Assinam:

Mônio de Oliveira Neto Purubora  
Hone Waengarangi Morris Māori Aotearoa  
Edna Kaiya Alves yawanawa  
Altaci Corrêa Rubin / TATAIYA KOKAMA  
Nivaldo Keirai Tapnepe  
Cledson Dario Kanunxi

Silvana da Silva Cunha Guaratira (etnia sakurabiat  
Fabia Pereira da Silva (Fulni-ô)  
Elvii Fonea de Sá (Fulni-ô)  
Jozilene Andrade de Souza (Kiriuri Cantu Galo)  
Joseph Dupont (Klamath-Mudoc)  
Artur Górcio Gonçalves (BANIWA)  
Edivaldo Carrilho Mampude (Hamaki)  
Julio Pedrosa da Silva (KAINGANG)  
Reginaldo Renato do Santo (PATAXO HANDEHE)  
Clarivaldo Braz Ferreira (Pataxó)  
Márcia Nascimento (Kaingang) Cledson Dario Kanunxi  
Sirlene Batista Lopes (Pataxó)  
Diana da Conceição Bomfim (Pataxó)  
Jdiane Cruz da Silva (Kaviri-xoco fulkaxó)  
Araucá Braz Bomfim - Pataxó  
Reinaldo Potisevan - Potisevan